



Titulo do Trabalho

**RUA DE SÃO BENTO (1822 – 1911): ESTUDO SOBRE A  
PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL PRESENTE NOS  
HÁBITOS CONTEMPORÂNEOS.**

Nome do Autor (a) Principal

**Sérgio Antônio dos Santos Júnior.**

Nome (s) do Orientador (a) (s)

**Carlos Egídio Alonso**

Instituição ou Empresa

**UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie**

E-mail de contato

arquiteturismologo.sergio@gmail.com

Palavras-chave

**Rua de São Bento. São Paulo (cidade). Entretenimento.**

## **INTRODUÇÃO**

A noção de Patrimônio Histórico torna-se bastante abrangente pelos vieses: material e imaterial, que se fazem presentes pelos conjuntos arquitetônicos, sobre os pilares da arte, e pelos costumes e tradições de um determinado povo em épocas passadas. Antes de iniciarmos este trabalho, são necessários alguns esclarecimentos para que o leitor não se perca. O primeiro diz respeito à pesquisa que, adquiriu esta forma, por ser parte do primeiro capítulo de uma elaboração de dissertação de mestrado, apresentado ao programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UPM, 2015. Posteriormente, por congregar os



interesses sobre a “Preservação do Patrimônio Histórico Material e Imaterial”, pela ótica do entretenimento na cidade de São Paulo, enquanto eixo estruturador da análise.

A adoção desta periodização intitulada foi estabelecida pelos seguintes eventos: Independência da República (1822), Abolição da Escravatura no Brasil (1888), Primeira República e Implantação do Estado Laico (1889), início da Grande Imigração Italiana (1880 a 1930), e a inauguração do Teatro Municipal (1911). Todos estes acontecimentos compõem, sob o foco do entretenimento, à passagem da condição de Vila para Cidade.

O intuito de realizar um remonte histórico é trazer cenas do cotidiano passado, envolvendo o diferencial: a vocação das ruas, intermediada pelos estabelecimentos, para o ato lúdico, em si. Buscamos trilhar o desenvolvimento do entretenimento e da sociabilidade relativos à vida urbana paulista em seus primórdios.

## **OBJETIVO**

A inquietação da pesquisa surge na tentativa de entender: “como viviam os paulistanos nos primeiros períodos de sua história, em relação às atividades de lazer e seus pontos de encontro?” e “quais foram às permanências e mutações no cenário urbano que resultaram no atual?”. Portanto, nosso objetivo é trazer a luz fragmentos históricos de uma produção que a Cidade exorbitou. Para o público, de hábitos boêmios: frequentadores de bares, restaurantes e demais estabelecimentos lúdicos e, noturnos, conhecer na história a origem destes costumes.

## **METODOLOGIA**



Durante a sistematização destas questões sobre a vida urbana, encontramos algumas citações que nos ajudaram a delimitar a área de estudo através de três procedimentos associados: 1) revisão bibliográfica; 2) consulta no acervo online dos jornais: Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo, como as fontes de dados fundamentais, devido à produção diária que possibilita acessar práticas e representações cotidianas na cidade, em sua singularidade, heterogeneidade e alcance social; 3) o recolhimento de uma iconografia seletiva. Combinado estes três processos, completaram-se as informações requeridas para decifrar um enigma. O resultado surpreende por indicar a Rua de São Bento, como a mais emblemática para o setor de lazer e entretenimento, visto que, nas extremidades da rua localizavam-se duas das Igrejas mais importantes para o período.

Para ilustrar as informações textuais, elegemos um mapa deste primeiro período: “A primeira planta cadastral da ‘Cidade e seus Subúrbios’, feito por ordem do Exímio Sr. Presidente da Província, Manoel da Fonseca Lima e Silva (1844-1847) pelo Eng. Carlos Bresser”. O mapa consiste elaboração da modelagem urbana<sup>1</sup>, representado por “bolhas de concentração”; além da presença de marcadores de interesse, voltados aos estabelecimentos do setor de entretenimento.

Para a obtenção de alguns produtos, sobretudo para a eleição da rua, como polo de lazer, elaboramos um banco de dados específico com os seguintes itens: 1) logradouro e número; 2) ano do inventário; 3) tipologia do imóvel; 4) nome do estabelecimento; 5) fonte da informação; 6) uso do imóvel; 7) evento significativo. Todos estes em composição aos três elementos citados: jornais, livros e imagens.

Preenchemos o banco de dados, quando possível, com a totalidade das informações requeridas e obtivemos relatórios, que permitiram redigir significativas considerações.

---

<sup>1</sup> Segundo convenção de mapas de uso do solo urbano, empregou-se nesta pesquisa a adoção de quatro categorias básicas: amarelo representa o uso residencial; o vermelho, comercial; o azul, institucional; o verde, lazer/recreação.

**RESULTADOS**

**MAPA 1 - USO E OCUPAÇÃO DOS IMÓVEIS NA RUA SÃO BENTO.**



FONTE DO MAPA: “Cidade de São Paulo e seus Subúrbios, feito por ordem do Exímio Sr. Presidente da Província, Manoel da Fonseca Lima e Silva (1844-1847) pelo Eng. Carlos Bresser”; DADOS BÁSICOS: Banco de dados do Autor; IMAGENS: Azevedo, Gaensly, *et al*, in PONTES; MESQUITA FILHO, 2003, *passim*. ELABORAÇÃO/EDIÇÃO: O próprio Autor.

A cidade de São Paulo começou a se transformar a partir de 1822. O famoso Grito da Independência é um dos eventos mais representativo, não apenas da História da Cidade, mas um dos momentos épicos nacionais. O evento foi descrito pelo historiador Laurentino Gomes dessa maneira: “*faltava pouco para o pôr do sol quando D. Pedro entrou em São Paulo, saudado pelos sinos das igrejas e pelos escassos moradores que se aglomeravam em ruas de terra batida* (GOMES, 2010,



p.39)". A cidade que hospedou D. Pedro tinha dimensões acanhadas a qual, segundo o historiador Afonso Freitas, era uma “*pequena cidade, quase aldeia* [Mapa 01]”, com “*vinte e oito ruas, dez travessas, sete pátios, seis becos e, mil oitocentos e sessenta e seis casas* (*Ibidem*, 2010, p.103)”.

Por um breve momento de sua história, a Rua de São Bento, foi nomeada de Martins Afonso, no século XVI e no século XVIII Rua Direita de São Bento, ainda no mesmo século, o nome que agora tem (PORTO, 1996, p.170), também foi considerada a “espinha dorsal da vila” e, se permitida tal comparação, dando-lhe o qualificativo título de "caminho de cintura" (TAUNAY, 1921, p.104 e 111). A alteração do nome desta rua deve-se justamente à importância exercida pela igreja que, a princípio, começou com uma pequena ermida e depois se tornou um Mosteiro.

Nas extremidades da Rua localizam-se as igrejas: São Bento, ao norte, e São Francisco, ao sul; ainda que por um breve momento, dentro deste período, esteve em funcionamento a Igreja do Rosário, entre outras que ficavam nas transposições próximas à via, como a igreja de Sto. Antônio. Neste sentido, entende-se que a colocação feita por Álvares de Azevedo, na peça Macário, sobre “ser raro o minuto em que não se esbarra com um burro ou um padre (AZEVEDO, 1855, p.96)”. Note que tal conotação encaixa-se na descrição desta via, em particular, embora o autor se posicione de maneira geral, em relação à Cidade. Os largos destas igrejas, também, eram pontos de encontro, pois deles saíam os carros de eixo fixo, movidos pela tração animal (O ESTADO DE S. PAULO, 16/Out/1955) e os bondes elétricos (*ibidem*, 04/Dez/2003).

Enquanto aos divertimentos, em um período onde as raízes antropológicas foram embutidas nos valores sociais, que desde sua formação, os Jesuítas sabiam impor. A Câmara Paulistana dava garantias de sua religiosidade à Corte, jogos de azar e bebidas alcoólicas eram restritos; as ordenações reais e sacras, exigiam a participação popular em pelo menos três eventos religiosos, sobretudo nas procissões. Descumprir estas normas era “*cousa que não se desculpava e passível*



de multa (TAUNAY, 1921, p.67), pois a Câmara junto a Igreja, faziam vigilância frente à entrada e saída tanto da população quanto de mercadorias da Cidade. Foi esse tipo de vigilância e rigidez, que propiciou o *desconfiado* aspecto do paulistano (ALENCAR, 1872, p.120).

Apesar de uma etiqueta, assim, restritas nos hábitos de conduta que a História apresenta, encontramos algumas evidências possibilitada pelas instituições religiosas, para a quebra de certos paradigmas.

O conjunto arquitetônico do Mosteiro de São Bento apresenta uma particularidade, entre as demais igrejas, pois dispõe de dois oratórios, sendo respectivamente: um para a comunidade e outro para os monges celebrarem seus ofícios (ARRUDA, 2007, p.37). Isso significava maior ausência da exacerbada vigilância dos padres, espalhados no meio do público fora do horário das celebrações. Portanto, tornava-se um local onde a comunidade sentia-se à vontade para se reunir e realizar suas orações, juntos celebravam um momento de lazer por, também, não ter aonde ir. Já o conjunto arquitetônico da Ordem de São Francisco foi responsável por atribuir maior vitalidade nesta região. O Convento, por requisição do Estado, “cedeu” o para a implantação da Academia de Direito (BASSANI; ZORZETE, 2014, p.38). Até este ponto, percebe-se uma precariedade no que se refere ao divertimento, pois tudo era voltado ao calendário religioso. Iniciam-se as transformações da vida urbana, mas com poucos respaldos nas transformações das vidas humanas.

Via de regra, a dualidade rural-urbana esteve da maior parte das famílias paulistanas, marcada pela posse de uma casa na cidade além da habitação rural (MORSE, 1970, p.31). Um dado curioso refere-se à destinação destes imóveis, onde “50,27% destes eram de aluguel e 36,40% de uso próprio (BUENO, 2005, p.68)”. Cabe destacar que o proprietário de maior patrimônio imobiliário era o Mosteiro de São Bento com 61 imóveis, frente à própria Câmara de São Paulo com 10 imóveis, em último lugar a Ordem de São Francisco, com apenas 01 imóvel (*Ibidem, ibidem*).



O poderio econômico dos beneditinos estava diretamente vinculado à acolhida dos fiéis e se justificava por catalisar o público pelas solenidades celebradas com requinte. Até o período contemporâneo, esta irmandade, conserva a tradição do toque do órgão e do canto gregoriano. Outro fator determinante para a proliferação do poderio econômico beneditino esteve atrelado ao raciocínio lógico: investimentos em terras e imóveis, para a geração de rendas através de aluguéis, entre os quais, estavam os hotéis.

Os hotéis eram estabelecimentos, inicialmente, eram tidos pelos valores sociais como imorais, por abrigar desconhecidos. Contudo, o posicionamento da igreja, frente aos novos meios de hospedagem e suas relações comerciais, foram decisivos para a quebra deste paradigma. O jogo, que era um dos principais divertimentos da época na maioria das cidades do Brasil e do mundo, mas aqui em São Paulo a Câmara os proibiu ao anoitecer (TAUNAY, 1921). Nestes empreendimentos, a prática passou a ser permitida ou tolerada pelas autoridades. Ao todo são oito meios de hospedagem distribuídos em aproximadamente 650 metros de via. Com a Abolição da Escravatura a substituição da mão-de-obra foi dada pelo imigrante, especialmente italiano, devido as crises econômicas. Portanto, além da funcionalidade, enquanto meio de hospedagem para os recém-chegados, na Cidade, haveria de ter algo com o que se entreter e para passar o tempo enquanto não se encontrasse onde trabalhar.

A importação de novos costumes na utilização de determinados estabelecimentos se fez necessário, ainda que muitos imigrantes recusaram-se a vida substitutiva dos escravos. Novas iniciativas surgem. A “Casa de Banhos da Sereia Paulista”, por muito tempo foi um ponto de encontro: de caráter higienizador e de confraternização social. “Por muito tempo tornou-se um bom programa paulistano ir tomar banho na Sereia e depois jantar um bife com vinho húngaro (O ESTADO DE SÃO PAULO, 29/Nov/2014)”. Com maior aproximação característica dos bares, o “Stadt Bern”, também proporcionava a seus usuários: jogos de bocha e dispunha de um bonito jardim com tiro ao alvo e descanso em caramanchões. A distinção estava



no cardápio, oferecia aos clientes o *drink* “Caramanchão Florido a Cerveja Bávara (TAUNAY, 1921, p.299)”, por este fim, as bibliografias atribuem a este estabelecimento o título de “Primeira Cervejaria Da Cidade (CAVALCANTE, 2011, p.149)”.

Todas estas transformações e inovações na “capital do ouro negro”, São Paulo, se deu pela comercialização deste produto, o café. O estímulo pelo consumo da bebida foi dado pelos estudantes da Academia, que levaram as doceiras a vender café. A mais famosa delas, Nhá Umbelina, instalou-se no Largo de São Francisco, o estabelecimento era praticamente uma “dependência” do curso jurídico (FOLHA DE S. PAULO, 29/Jun/2008). Cabe destacar ainda outros pontos de venda de café, presentes na Praça da Sé e no próprio Largo de São Bento. Nestes locais a comercialização se fazia nos quiosques, responsáveis pela popularização da bebida, a partir destes, surgiram os “Cafés” enquanto estabelecimentos propriamente ditos. Estas cafeterias popularizam-se e ganham espaços modernos e mais elegantes como o Café Girondino, voltados para a confraternização social e para a celebração dos momentos de lazer da metrópole do café (*Ibidem, ibidem*).

## CONCLUSÕES

Podemos concluir, portanto, que a preservação do patrimônio histórico, que aqui se discute, é dada no âmbito material e imaterial, compreendida respectivamente, pelos conjuntos arquitetônicos e pelos costumes e tradições ainda mantidas. Embora a maior parte da população desconheça a origem de seus hábitos praticados e como eles se deram na Cidade em função destes estabelecimentos, em muito, justifica-se pela ausência de quaisquer vestígios, a não ser textuais, de sua existência. Por vezes, novos usos são empregados de forma tão distinta que si quer fazem alusão ao que já foi um dia. Com exceção das igrejas, São Bento e São Francisco, nenhum outro estabelecimento, citado ou apontado no mapa pelos



localizadores, esta em atividade até os dias atuais, porém a continuidade cultural embasada em seus usos ainda existe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. **“Til [2.ed. digital].”** Texto-base digitalizado por: Márcia Zubko –Curitiba/PR. Disponível em: <http://www3.universia.com.br/conteudo/livros/til.pdf> (acesso em 21 de Outubro de 2014).

ARRUDA, Valdir. **Tradição e Renovação: A arquitetura dos mosteiros beneditinos contemporâneos no Brasil.** São Paulo: Dissertação de Mestrado - FAUUSP, 2007.

AZEVEDO, Álvares. **Macário.** Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro; disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000022.pdf>, 1855 [3.ed.1988 - virtual].

BASSANI, Jorge; ZORZETE, Francisco. **São Paulo: Cidade e Arquitetura | Um Guia.** São Paulo, 2014.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. **“Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809.”** Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, vol.13 no.1 São Paulo jan./jun. 2005: disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000100003>.

CAVALCANTE, Messias. **A verdadeira história da cachaça.** São Paulo: Sá Editora, 2011.

FOLHA DE S. PAULO. **“De grão em grão se faz uma cidade”.** Cadernos > Urbe. 29 de Jun de 2008.

GOMES, Laurentino. **1822 - Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil - um país que tinha tudo para dar errado.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

MORSE, Richard M. **Formação Histórica de São Paulo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

O ESTADO DE S. PAULO. **“Carros de Eixo Fixo em São Paulo”.** Acervo Online. 16 de Out de 1955. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19551016-24678-nac-0085-999-85-not/busca/tilburis> (acesso em 31 de Maio de 2014).

\_\_\_\_\_. **“E a cidade cresceu seguindo os trilhos dos bondes”.** Cidade, 04/Dez/2003: p.39.

\_\_\_\_\_. **“Os banhos da sereia”.** VEIGA, Edison, Paulísticas, cultura geral e outras curiosidades: 29 Nov. 2014 .

PONTES, José Alfredo Vidigal; MESQUITA FILHO, Ruy. **São Paulo de Piratininga: De Pouso de Tropas a Metrópole.** São Paulo: O Estado de S. Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.

PORTO, Antonio Rodrigues. **História da Cidade de São Paulo Através de Suas Ruas.** São Paulo: Carthago Editorial, 1996 [3º Ed.].

TAUNAY, Afonso de Escragnole. **“São Paulo nos primeiros anos: Ensaio de reconstituição social; São Paulo no século XVI: História da Vila Piratininga”.** De Paula Porta (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 1921 (Edição 2003).